



**Os discursos de famílias multiproblemáticas  
pobres: redes de apoio e condição de pobreza**

Joana Moreira

UMinho | 2019

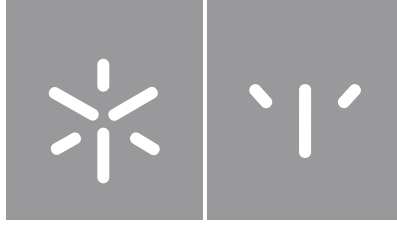


**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Joana Catarina Sousa Moreira

**Os discursos de famílias multiproblemáticas  
pobres: redes de apoio e condição de  
pobreza**

junho de 2019



**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Joana Catarina Sousa Moreira

**Os discursos de famílias multiproblemáticas  
pobres: redes de apoio e condição de  
pobreza**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Psicologia

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Paula Cristina Martins**

## Despacho RT - 31 /2019 - Anexo 3

### Declaração a incluir na Tese de Doutoramento (ou equivalente) ou no trabalho de Mestrado

#### DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

#### Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações**  
**CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Yara Carolina Sousa Henriques

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, por me mostrarem diariamente o quão incondicional é o amor.

Aos meus avós, pela serenidade que me transmitem.

Aos meus tios, pelo modelo de coragem e superação.

Aos meus primos, pelo caminho percorrido, sempre lado a lado.

À Diana, à Cláudia, à Inês, à Francisca, e à Adriana, por verem o melhor de mim, e pelo porto seguro que representam.

Ao Rui, pelo carinho e dedicação, e por me ensinar o valor da perseverança.

À professora doutora Paula, pelos ensinamentos transmitidos e pela disponibilidade constante.

A todos os colaboradores do projeto, por terem tornado esta investigação possível.

*“O valor de um ser humano reside na capacidade de ir além dele próprio, de sair de dentro de si próprio, de existir dentro de si próprio e para as outras pessoas.” Millan Kundera*

## Despacho RT - 31 /2019 - Anexo 4

### DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

João Carolina Sousa Henriques

Resumo

As famílias multiproblemáticas que vivem em contexto de pobreza caracterizam-se por experienciarem crises permanentes que as tornam numa população de extrema vulnerabilidade. A forma como se percebem a si próprias e às suas relações constitui um dado fundamental para o seu envolvimento em processos de mudança. Assim, procurou-se perceber de que forma estas famílias percebem a sua condição de pobreza e as suas relações de suporte formais e informais. Para este efeito foram selecionadas 29 famílias beneficiárias do Rendimento Social de Inserção (RSI) residentes no grande Porto, as quais responderam ao guião de entrevista semiestruturada de Pakman. Os dados mostram que apesar de experienciarem situações de relevante carência material, várias destas famílias não se consideram pobres. Relativamente às redes de suporte social, as suas respostas mostram significativa falta de confiança nas redes informais, nomeadamente, família e amigos, e contrariamente, um forte apoio percebido, por parte das redes formais, particularmente, técnicos e profissionais de saúde. Este estudo contribui assim para a sensibilização dos profissionais que intervêm junto destas famílias, para a) compreenderem a autorrepresentação de pobreza como possível mecanismo de perpetuação das condições de risco destas famílias e b) a importância de trabalhar as competências interpessoais dentro do seio familiar e nas suas relações para que estas possam representar redes de suporte efetivas.

*Palavras-chave:* autorrepresentação, famílias multiproblemáticas, pobreza, redes formais, redes informais

## The discourses of poor multiproblematic families: support networks and poverty condition

### Abstract

Multiproblematic families living in a context of poverty are characterized by experiencing permanent crises that make them extremely vulnerabilities. The way they perceive themselves and their relationships constitutes a major trait for their involvement in processes of change. For this purpose, we selected 29 beneficiary families of the social insertion income (RSI) residing in Porto city, who responded to the semi-structured interview script by Pakman.

The data shows that although they experience situations of relevant material shortage, several of these families do not consider themselves to be poor. Regarding to social support networks, their responses show a significant lack of confidence in informal networks, in particular, family and friends, in the other hand, to a strong perceived support by formal networks, namely, technicians and health professionals. This study contributes to the sensitization of professionals who intervene with these families to a) understand the self-representation of poverty as a possible mechanism for perpetuating the risk conditions of these families, and b) the importance of working interpersonal skills within the family bosom and peer groups, so that they can represent effective support networks.

Keywords: formal network, informal network, multiproblematic families, poverty, self-representation

## Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Famílias multiproblemáticas.....	8
A importância do suporte social .....	9
Redes de suporte formais e informais .....	9
Famílias multiproblemáticas e as redes informais.....	10
Famílias multiproblemáticas e as redes formais .....	10
Famílias multiproblemáticas e a pobreza.....	11
Método.....	14
Participantes.....	14
Medidas .....	14
Procedimentos.....	15
Estratégia de análise de dados.....	15
Resultados .....	15
Percepção acerca das redes informais .....	16
Percepção acerca das redes formais.....	19
Percepção acerca da pobreza .....	21
Discussão.....	26
Referências bibliográficas .....	29



Os discursos de famílias multiproblemáticas pobres: redes de apoio e condição de pobreza

### **Famílias multiproblemáticas**

Foi na década de 50 do século XX que surgiu o interesse por parte dos investigadores acerca das famílias que se encontravam no limiar da pobreza, ou em meios socioeconómicos carenciados, e que surgiu o conceito de família multiproblemática. Com isto, a literatura foi dando conta de características específicas presentes neste tipo de famílias, sobretudo, nas relações interpessoais, sociais e familiares, assim como dos diferentes estatutos socioeconómicos a que podem pertencer (Alarcão, 2006).

Ao longo dos anos, diversas designações foram emergindo, nomeadamente: “famílias desmembradas”, salientando os limites difusos e indefinidos quer no interior do seio familiar, quer nas relações com o exterior (Minuchin, Montalvo, Guerney, Rosman e Schumer, 1967, cit in Sousa, Ribeiro, & Rodrigues, 2007); “famílias suborganizadas”, evidenciando a disfuncionalidade da estruturação do sistema familiar (Aponte, 1976, 1981, como citado em Sousa, Pires, Matos, Cerqueira & Figueiredo, 2004); “famílias multiassistidas”, destacando os diversos tipos de apoio de que dependem estas famílias, impedindo-as de viver de forma autónoma (Colapinto, 1995; Linares, 1997; Minuchin et al., 1998; Imber-Black, 1988); “famílias associas”, demonstrando os comportamentos sociais desviantes típicos destes agregados (Abreu, 2011); “famílias multistressadas”, evidenciando as sucessivas situações de stress pelas quais atravessam (Madsen, 1999, cit in Sousa et al. 2007); “famílias multicrise”, sobressaindo as múltiplas crises não normativas presentes no seio familiar (Kagan e Schlosberg, 1989, cit in Sousa et al. 2007).

Contudo, o conceito “família multiproblemática” mostra-se mais abrangente, na medida em que não se restringe a um sintoma específico, mas sim a inúmeras disfunções em áreas do funcionamento individual, familiar e social, colocando estas famílias em situações de grande vulnerabilidade (Sousa & Eusébio, 2005).

As famílias multiproblemáticas caracterizam-se por comportamentos problemáticos que exigem intervenção externa, incapacidade parental na gestão de atividades funcionais e relacionais em contexto familiar e dependência permanente relativamente aos serviços sociais (Cancrini, Gregorio & Nocerino, 1997). Apresentam ainda diversos problemas complexos de forte intensidade e muitas vezes crónicos,

em áreas distintas, que se repercutem em todo o agregado familiar, ao nível do seu funcionamento, da sua organização e da sua estrutura (Sousa, 2005).

### **A importância do suporte social**

A literatura tem vindo a realçar a importância do suporte social em múltiplas áreas da vida humana, nomeadamente, na redução do impacto de eventos stressores (Antunes & Fontaine, 2005), no bem-estar físico e psicológico (Pietrukowickz, 2001), no autoconceito e autoestima (Rigotto, 2006) e na qualidade de vida (Seild et. al., 2005). Deste modo, para as populações que se encontram em situação de fragilidade social, sujeitas a inúmeras situações de adversidade, como é o caso das famílias multiproblemáticas, a rede de recursos sociais está associada à presença de indicadores quer de saúde física quer de saúde mental (Cohen & Brook, 1993; Sameroff & Seifer, 1993; Jessor, 1993).

### **Redes de suporte formais e informais**

As redes sociais funcionam como sistemas abertos, em constante dinâmica, onde são estabelecidas ligações entre os membros, auxiliando a satisfação das suas necessidades e a adoção de respostas socialmente adequadas, podendo estas serem formais ou informais (Alarcão & Sousa, 2007).

O apoio formal traduz-se, geralmente, na providência de bens, dinheiro e alguns serviços, realizados por técnicos, médicos, assistentes sociais, entre outros profissionais, também denominados por rede secundária (Sousa & Rodrigues, 2009). Paralelamente, a rede informal é constituída pela família, pelos amigos e pelos vizinhos, também denominados por rede primária, com os quais existem afinidades pessoais e partilha de um apoio estável, sem quaisquer ligações institucionais (Cerqueira et al., 2003). Este apoio tem um importante papel no que concerne à promoção do bem-estar, do autoconhecimento, da construção da identidade, na inclusão social e no suporte de situações de vida inquietantes (Sluzki, 1996).

A distinção entre rede social primária e rede social secundária assenta, essencialmente, no tipo de vínculos relacionais existentes entre os membros da rede (de Abreu, 2003; Guadalupe, 2016).

Nas redes primárias os vínculos estabelecidos entre os membros são principalmente de carácter afetivo, possuindo uma função de ancoragem (João Arriscado Nunes, 1995), ao passo que nas redes secundárias os vínculos têm um carácter formal, possuindo objetivos funcionais, como a prestação de serviços, ou ainda, função de controlo social (Alarcão & Sousa, 2007).

### **Famílias multiproblemáticas e as redes informais**

Neste tipo de famílias são recorrentes as falhas ao nível da delimitação dos papéis nos diversos subsistemas da família, sendo comuns os episódios de desarmonia e de desmembramento. O desmembramento traduz-se no afastamento entre os membros (Minuchin et al., 1967, como citado em Sousa, Ribeiro, & Rodrigues, 2007), em consequência dos limites pouco definidos ou excessivamente permissivos (Sousa, 2005).

Sousa (2005) define estas relações como detentoras de uma “*escassa nutrição emocional*”, assim, em consequência desta escassez afetiva os subsistemas parentais e fraternais são condicionados no cumprimento das suas funções.

No que concerne às funções parentais, é frequente que os progenitores não possuam modelos de referência estáveis, motivo pelo qual se mostram incompetentes no cumprimento de tarefas e na prestação de cuidados para com os filhos (Sousa et al., 2004; Sousa & Ribeiro, 2005). Paralelamente, o sistema fraternal é caracterizado pela inconsistência, com algumas relações de grande proximidade e, por outro lado, outras de grande afastamento e agressividade entre os irmãos (Sousa, 2005).

Estas famílias caracterizam-se ainda pela existência de ruturas e renovações constantes (Linares, 1997), com relações amorosas instáveis (Sousa, 2005a), que dificultam a existência de papéis e regras familiares devidamente definidas (Alarcão, 2006).

### **Famílias multiproblemáticas e as redes formais**

Cada serviço poderá funcionar como fonte de apoio ou como fonte de stress, dependendo das características individuais de cada família. Assim, algumas famílias poderão funcionar de forma independente, utilizando os recursos fornecidos pelos serviços para o seu desenvolvimento, porém, isto nem sempre se verifica nas famílias multiproblemáticas.

Linares (1997) observou a excessiva dependência entre estas famílias e os serviços sociais, dependência que se mostra um entrave na autonomização da família, na evolução das competências sociais e na gestão dos recursos económicos (Cangrini et. al., 1997). Nestes agregados o envolvimento com as redes formais tende a tornar-se problemático na medida em que se prolonga por extensos períodos de tempo, traduzindo-se num obstáculo ao desenvolvimento normativo (Sousa, 2005).

As famílias multiproblemáticas tendem a acumular relações com diversos técnicos e instituições, em consequência dos vários problemas que experienciam, relações estas que comumente substituem as relações familiares (Ausloos, 1996).

Colapinto (1995) considera que existe uma cultura enraizada que promove a “*diluição do processo familiar*”, onde as funções familiares são transferidas para os serviços sociais.

Um estudo realizado por Matos e Sousa (2004), no distrito de Aveiro, com famílias multiproblemáticas, verificou que o apoio recebido por parte das instituições de proteção social se traduz, maioritariamente, num apoio instrumental. Em agregados onde são frequentes relações familiares disfuncionais, marcadas por interações caóticas, seria de esperar uma intervenção social em que estes aspetos fossem abrangidos, porém, o mesmo não tende a acontecer.

Cohen e Brook (1993) observaram que a perceção dos indivíduos acerca da disponibilidade destes recursos é mais importante do que a própria utilização dos mesmos, no que concerne aos efeitos negativos que a adversidade possa gerar.

Deste modo, torna-se crucial compreender a perceção das famílias portuguesas no que diz respeito às suas redes formais e informais, assim como os tipos de apoio que recebem de cada uma delas. Ao perceber se as mesmas funcionam ou não como mediadoras do impacto das crises sucessivas que vivenciam, será possível entender que medidas futuras deverão ser tomadas no que concerne à intervenção com esta população.

### **Famílias multiproblemáticas e a pobreza**

Este tipo de estrutura familiar, apesar de poder ser pertencente a qualquer estrato socioeconómico, é observado frequentemente em famílias em situação de carência socioeconómica, uma vez que devido às fragilidades inerentes são mais propensas à solicitude de ajuda externa (Sousa, 2005).

Figueiras, Guerra & Pacheco (2010) consideram que quando os recursos do indivíduo tornam inviável um nível de vida considerado aceitável na sociedade onde está inserido, enfrentando inúmeras problemáticas, tais como, o desemprego, a falta de benefícios de saúde, barreiras no acesso à aprendizagem, à cultura, ao desporto e ao lazer, o mesmo se apresenta perante uma situação de pobreza.

## OS DISCURSOS DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS POBRES

O conceito de pobreza abrange, assim, mais dimensões para além das condições materiais, da dieta alimentar, das condições habitacionais e dos acessos aos cuidados de saúde, refletindo também circunstâncias de privação humana. Deste modo, este fenómeno multidimensional traduz-se na incapacidade de cada indivíduo participar de forma plena na vida social, económica, cultural e política onde se insere (Alves, 2009).

Capucha (2005) considera que a pobreza pode ser percebida através de duas perspetivas distintas, a perspetiva culturalista e a perspetiva socioeconómica.

A perspetiva culturalista assenta na ideia de uma cultura de pobreza, onde esta surge como um fenómeno integrante da exclusão social, marcada pela insuficiência de recursos sociais, políticos, culturais e psicológicos. Por outro lado, a perspetiva socioeconómica encara a pobreza como uma situação de privação que resulta de recursos económicos insuficientes estando em causa as necessidades básicas e a subsistência do indivíduo. A pobreza, segundo esta perspetiva, é caracterizada ainda pelas más condições habitacionais, baixos níveis de instrução e empregos precários.

Bruto da Costa (2008) caracteriza ainda a pobreza como uma situação de dependência e de perdas, nomeadamente, a perda de identidade social, do sentimento de pertença à sociedade, de autoconfiança, de laços familiares e afetivos, e conseqüentemente, de identidade pessoal.

Paugam (2003) considera que a aceitação por parte do indivíduo da autorrepresentação de “pobre” depende assim de três fatores, sendo eles, a condição social objetiva em que se encontram, o grau de dependência económica e social face aos Serviços de Ação Social e por fim, dos interesses quer dos técnicos quer dos beneficiários.

Um inquérito nacional, realizado entre 2004 e 2009, pela Rede Europeia Anti-Pobreza / Portugal (REAPM), em conjunto com a Amnistia Internacional – Portugal e com a SOCIUS-ISEG, com o objetivo de identificar as perceções dos portugueses acerca da pobreza e da exclusão social em Portugal, verificou que 20% da amostra considera viver em risco de pobreza, 7% considera viver em pobreza explícita e 1% considera viver na miséria.

Relativamente aos indicadores de pobreza, 69% dos inquiridos considerou como sinais de pobreza “não ter água, nem luz, nem casa de banho”; 39% “não beneficiar de apoio social quando precisa” e 36% “não ter uma alimentação equilibrada”.

Ainda de notar que, no Eurobarómetro (2009d), a definição de pobreza citada por 32% dos inquiridos foi “as pessoas são pobres quando não podem adquirir bens básicos que necessitam para

viver (alimentos, abrigo, vestuário, etc.)”, sendo que apenas uma pequena minoria considerou “pobre” qualquer indivíduo que não obtenha os recursos necessários para uma participação social plena.

Shildrick e MacDonald (2010) ao analisar um total de sessenta entrevistas em Inglaterra, com o objetivo de analisar os discursos de quem vive em situação de pobreza acerca da própria pobreza, verificaram um alargado conjunto de afirmações que mostram uma negação da pobreza e ainda a condenação moral da mesma.

Shildrick e MacDonald (2010) sugeriram duas possíveis explicações para estes resultados. A primeira é de que os entrevistados possuíam um senso diminuído dos conceitos de privação e pobreza relativas provocados pelos pontos de comparação próximos, quer sociais quer geográficos. Isto é, com a diminuição acentuada da pobreza absoluta nas últimas décadas, originou-se a crença de que poucas são as pessoas que podem ser consideradas como “pobres”. Assim, apesar de uma considerável parte da população viver em situação de carência, uma vez que a mesma não é absoluta, não é equacionada pelos entrevistados. A segunda explicação possível é a de que existe uma tendência para a dissociação do termo “pobre”, devido à vergonha e ao estigma associados ao fenómeno de “*scroungerphobia*” (opinião pública britânica acerca do “*welfare system*”).

Apesar dos entrevistados viverem em situação de carência económica, e alguns deles, em situações de pobreza profunda, este facto é posto em causa pelos próprios. Existe uma negação da pobreza e um sentimento de orgulho na forma como gerem as dificuldades que enfrentam e as circunstâncias de carência em que se encontram.

Ainda, neste estudo, os pobres foram identificados como “pobres indignos” caracterizados pela sua inabilidade em gerir os recursos económicos, pondo em causa a respeitabilidade da família, salientando as falhas pessoais e morais dos indivíduos que vivem em situações de pobreza, não havendo nunca uma referência à pobreza como “digna”.

Em Portugal, existe uma lacuna no que concerne à perceção das famílias multiproblemáticas pobres acerca da sua própria situação de carência. Tentar-se-á perceber, no presente estudo, a autorrepresentação da pobreza por parte destas famílias. De um ponto de vista teórico revela-se fundamental, pois, através dos seus discursos, será possível perceber em que medida a forma como se definem ou não como pobres contribui para a ativação de recursos necessários à mudança e, conseqüentemente, à intergeracionalidade do problema.

A presente investigação possui assim dois objetivos centrais: 1) compreender a forma como as famílias multiproblemáticas pobres percebem as suas redes de suporte formais e informais, assim como os tipos de apoio que recebem de cada uma delas; e 2) compreender a forma como as famílias multiproblemáticas pobres percebem a sua própria situação de pobreza.

### **Método**

#### **Participantes**

Os participantes do presente estudo foram selecionados através do método de amostragem não probabilístico, por conveniência, inseridos num projeto de parceria entre a Segurança Social do Porto e a Universidade do Minho, que possuía dois objetivos centrais: 1) contribuir para a promoção de uma intervenção adequada e eficiente, com vista à potenciação da qualidade de vida e do bem-estar destas famílias; e 2) qualificar os técnicos, mediante a utilização de procedimentos sistemáticos de monitorização das práticas e a criação de condições para o exercício reflexivo sobre as mesmas.

Os critérios de seleção foram os indivíduos serem beneficiários do Rendimento Social de Inserção (RSI), terem filhos com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos e residirem na zona do Grande Porto. As famílias elegíveis foram contactadas pelo Centro Distrital da Segurança Social do Porto em colaboração com IPSS com protocolo para o RSI, nomeadamente, ADEIMA, ADILO, BARREDO, Fundação Padre Luís e Olival Social.

A amostra é constituída por dois grupos distintos. O grupo A, que é constituído por 15 progenitores, 13 do sexo feminino, e 2 do sexo masculino, sem processo de promoção e proteção, e o grupo B, que é constituído por 14 progenitores, 13 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, com processos de promoção e proteção.

#### **Medidas**

Foi utilizada uma entrevista semiestruturada para famílias multiproblemáticas de M. Pakman (2007), adaptada por Martins (2015). A entrevista é constituída por um total de 12 categorias, sendo elas as seguintes: 1) Saúde Física; 2) Saúde Mental; 3) Consumo de Substâncias; 4) Educação; 5) Trabalho; 6) Habitação e transportes; 7) Questões legais e judiciais; 8) Violência; 9) Dissonância social/cultural; 10) Pobreza; 11) Rede Social; e 12) Segurança social.

Em cada uma das categorias, as questões procuravam identificar a percepção do entrevistado relativamente – ao seu estado; à estabilidade temporal do mesmo; à situação dos outros membros da

família; ao conhecimento acerca do problema; ao conhecimento acerca das possibilidades de resolução; e grau de satisfação com os apoios disponíveis.

Tendo em conta os objetivos do presente estudo, as categorias analisadas serão as 10) Pobreza e 11) Rede Social.

### **Procedimentos**

As entrevistas foram gravadas num dispositivo móvel e transcritas posteriormente. Todos os entrevistados foram informados acerca dos objetivos da investigação e assentiram a gravação da entrevista como é proposto por Ghiglione & Matalon (1993).

Com o objetivo de proteger os participantes, todos os nomes foram substituídos por códigos identificativos (F para os participantes com processos de promoção e proteção e E para os participantes sem processos de promoção e proteção) e toda a informação passível de pôr em causa o anonimato dos mesmos foi também omissa.

### **Estratégia de análise de dados**

A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo que é definida por Bardin (1991) como um conjunto diversificado de instrumentos metodológicos, que permitem a análise de discursos através da inferência e do raciocínio dedutivo. Esta metodologia pode cumprir duas funções distintas, sendo elas a função de administração de prova, onde se verificam hipóteses prévias, e a função heurística, em que o objetivo é a descoberta de novo conteúdo.

A análise ocorreu assim ao longo de 3 fases, tal como proposto por Bardin (2010), sendo elas as seguintes: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

### **Resultados**

Nesta investigação foi utilizada a técnica de análise de conteúdo mista, tendo tido lugar o método indutivo, com o objetivo de criar uma categorização, a partir das respostas dos sujeitos, e em simultâneo, o método dedutivo, onde foram criadas categorias em função da literatura acerca das famílias multiproblemáticas que vivem em condições de pobreza.

Serão apresentados, de seguida, os resultados da categorização final, decorrentes da análise de conteúdo efetuada, assim como a descrição de cada categoria e os resultados encontrados.



## **Percepção acerca das redes informais**

Durante a entrevista, especificamente na categoria 11) Rede social, foi pedido aos sujeitos que referissem o nome das pessoas mais importantes da sua vida, nomeadamente, amigos, familiares, técnicos, entre outros.

No que concerne às amizades, foi comum um tipo de respostas onde era visível a ausência de rede de amizades, motivada por crenças de desconfiança.

### **1) Falta de confiança**

Nesta categoria incluem-se, assim, todas as produções dos sujeitos referentes à ausência de confiança na rede de amizades, bem como algumas justificativas para o mesmo.

#### **a) Desilusões anteriores**

Nesta subcategoria as produções dos sujeitos refletem a falta de confiança nas redes de amizades, motivada por episódios passados, onde a confiança foi quebrada e onde o auxílio em situações de crise não ocorreu.

F01: Não há amizades. (...) estão à minha beira e falam bem para mim, estou a virar as costas e falam mal de mim (...)

F06: (...) hoje em dia não há amigos. (...) na altura que eu fiquei doente também tinha muitas amigas e elas viraram-me as costas. E isso não é amigo. (...)

F08: Não tenho amigos. (...) As pessoas quase que dão um conselho, no sentido de uma obrigação e depois se a outra pessoa não vai por aquilo que elas lhe dizem, chamam à atenção (...)

F09: (...) confiar num amigo, botar-lhe a mão, e quando nós precisamos esses amigos viram costas (...)  
A desilusão é tão grande! (...) As pessoas desiludem-me constantemente. (...) vamos a esperar e desiludimo-nos. (...)

F11: (...) uma vez eu contei umas coisas a uma colega minha, foi logo contar tudo. A gente pensa que é amigas e não são.

E04: Tenho colegas, amigas não. (...) agora há muita falsidade. (...) Falar e até pensar que ela até estava a tentar ajudar e que estava a ouvir de coração e que ia guardar aquilo para ela e não.

## OS DISCURSOS DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS POBRES

E06: (...) tinha mais amizades e foram-se perdendo. (...) Eu como tinha carro e carta dava sempre jeito a essas pessoas, mas chegou a um ponto que eu também disse “Chega!”.

E08: Não tenho amigas (...) as amigas são muito traiçoeiras. (...)

E12: (...) hoje em dia não há amigos! (...) Se a pessoa estivesse bem na vida ou tivesse algum económico e tudo, havia mais amizades! (...) Porque hoje em dia as pessoas são egoístas! Só pensam nelas. (...)

E11: (...) as pessoas não são propriamente aquilo que parecem.

F12: (...) hoje em dia não há lealdade com as pessoas.

### **b) Isolamento**

Nesta subcategoria as produções dos sujeitos refletem o afastamento em relação às redes de amizade, e a adoção de comportamentos de isolamento, evitando a procura por um suporte emocional.

F04: (...) às vezes prefiro ficar sozinha, porque às vezes as pessoas pensam “Depois venha-se cá queixar!”.

F05: (...) aquilo que não nos faz bem, também não devemos ter perto de nós. E então eu faço assim uma seleção. (...) Criei esta defesa em mim. (...) E até digo aos meus filhos, também sempre ensinei os meus filhos assim.

F03: Sinto-me bem assim (...) mais vale só do que mal acompanhado.

F09: (...) eu tento não me apegar muito às pessoas. (...) Comecei a isolar porque deixei de confiar (...)

E06: (...) eu mesma selecionei quem realmente deveria estar comigo ou não.

E07: Amigos da onça há muitos. (..) Não confio em ninguém. (...) sou uma pessoa muito metida em mim. Não me abro muito com as pessoas. (...) Posso ter um problema que eu não partilho com ninguém.

## **2) Conflitos familiares**

Ainda na categoria 11) Rede social, foi questionado aos sujeitos se mantinham uma relação de conflito com algum elemento da sua rede. Nesta categoria, incluem-se assim, todas as produções dos sujeitos

referentes a relações de conflito com um membro do próprio agregado familiar, assim como, as justificativas para o mesmo.

### **a) Distância afetiva**

Nesta subcategoria as produções dos sujeitos refletem relações familiares marcadas pelo conflito e pela distância afetiva, sendo que numa das produções é visível ainda, uma situação de violência que dura desde a infância.

F11: (...) ele tem a vida dele, às vezes até se esquece. (Irmão)

F06: Não falamos muito. Mas foi sempre assim. (...) Nunca falaram comigo, nunca me perguntaram nada... (Pai e Mãe)

F09: o meu relacionamento com o meu pai é um bocado afastado. (...) é “Bom dia!”, “Boa tarde!”, falamos de algumas coisas mas não é aquela proximidade...

F10: (...) não fomos criados com a minha mãe, fomos criados todos num colégio.

F13: (...) o meu pai insultava-me muito (...) eu não sei o que é amor de um pai. O meu pai desde que eu nasci sempre me odiou (...) o meu pai agredia-me, insultava-me (...)

F13: (...) fizeram-me uma denúncia à PJ e disseram que as minhas filhas estavam a viver numa casa de violência. Acusaram-me de alcoólica e eu nem bebo, nunca bebi. Que eu abandonava as minhas filhas em casa (...) que eu saía de noite e deixava as minhas filhas sozinhas (...) Isso tudo fez com que eu ficasse sem elas. (Irmãos)

### **b) Limites difusos**

Nesta subcategoria as produções dos sujeitos retratam conflitos familiares que parecem surgir em consequência de limites familiares pouco definidos.

E14: Entramos em choque... Para me estar a chatear, para estar a ouvir bocas, não vale a pena... (Irmão)

F06: (...) ela mete-se na minha vida. (Mãe)

## OS DISCURSOS DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS POBRES

E06: Depois do meu divórcio a relação com os meus pais começou a ser um bocadinho mais conturbada. Porque para eles a ideia do casamento é para o resto da vida.

F05: (...) não aceitou que eu tivesse mexido os cordelinhos para ir para o abrigo. (Relação de conflito com a filha)

### **c) Discórdias**

Nesta subcategoria as produções dos sujeitos refletem conflitos originados por características de personalidade divergentes, e fatores económicos.

F03: (...) é uma pessoa que se calhar não gosta de admitir... Não sabe admitir que não tem razão (...) Gosto de pessoas que sejam assim pela frente como sejam por trás. (Padrasto)

E05: (...) aliás nem falamos! (...) ele é assim um bocado... (...) Até a minha mãe tem-lhe aquela coisa, aquele receio com ele, mas eu não. Eu enfrento-o. (Irmão)

F14: É o temperamento dela. (...) de vez em quando a gente...

F08: (...) ele não quer saber de nada do que se passa com a menina (neta) (...) ele nunca quis saber, nunca quis trabalhar, nunca quis saber da vida, nunca se preocupou com nada (...) Eu quero que o meu filho se vá embora, que saia de minha casa (...) (Filho)

E08: (...) a minha sogra como mulher, e como mãe (...) havia de ter mais um bocado de juízo, e de respeito pela minha pessoa. (Sogra)

F07: Tudo gira à volta do dinheiro, tudo inveja. Como sempre fui eu que lidei com o dinheiro dos meus pais... (...) (Irmãos)

E10: (...) ela nunca gostou muito do meu filho (...) só viu o meu filho quando tinha um ano. (Sogra)

### **Perceção acerca das redes formais**

Ainda na categoria 11) Rede social, quando questionados acerca das pessoas mais importantes da sua vida, alguns sujeitos mencionaram membros das suas redes formais, nomeadamente, técnicos do RSI, professores, psicólogos, e médicos.

## **1) Técnicos como fonte de suporte**

Nesta categoria inserem-se, assim, todas as produções dos sujeitos referentes ao apoio instrumental e emocional, fornecido por um qualquer elemento das suas redes formais.

### **a) Apoio instrumental**

Nesta subcategoria as produções dos sujeitos refletem o auxílio das redes formais no acesso a melhores condições de habitação, alimentação, fornecimento de conselhos e auxílio às dificuldades de aprendizagem.

F002: Eu estava a ver tirarem-me tudo (...) são pessoas que me ajudaram a reaver aquilo que é meu, que me deram apoio nos momentos mais difíceis. (Técnicos do RSI)

F10: Tem-me ajudado muito com o (filho), porque o (filho) teve assim uns problemas... Ajudou-me muito. O (filho) mudou, cem por cento. (Técnica do RSI)

F04: Próxima de mim, se não eu morria à fome. (Técnica do RSI)

F11: Ela já me ajudou bastante, já me arranjou a casinha... (...) Antes tinha uma casa, nem se podia lá entrar, nem casa de banho tinha em condições. (Técnica do RSI)

F15: Em relação ao comer eu não tinha direito porque não fui tratar de nada para eles terem direito e a própria escola mesmo sem eles terem direito a comer deram-lhes.

E02: Foi o que me aconselhou a deixar de fazer muitas coisas. Por exemplo deixar de fumar (...)

E09: É importante porque ajudaram muito o miúdo. (Professoras)

E09: (...) estão ajudar os miúdos, naquilo que eles... (...) Terapia da fala e essas coisas... (...) São importantes para mim. (Psicólogos)

F10: Está sempre muito atenta... Aos problemas deles e assim. (Professora)

### **b) Apoio emocional**

Nesta subcategoria as produções dos sujeitos refletem o apoio emocional recebido por parte de técnicos e profissionais de saúde, sendo visível o sentimento de confiança, ao contrário de que ocorre com as redes informais.

F02: (...) eu não tinha nada, não sabia nada, andava na vida só por andar (...) foi a pessoa que me levantou (...) ela não devia ser assistente social devia ser minha irmã. (...) nunca me condenaram (...) tudo aquilo que uma pessoa fala com elas, elas tentam nos ajudar. Não são pessoas que saem dali e vão contar às outras. (...) elas dão-me muitos conselhos. (...) (Técnicas do RSI)

F08: (...) têm-me ajudado em muitas coisas. (...) Que me tratam bem... (...) Que falam bem para mim. (...) Ela diz que eu sou a querida dela. (Advogada e técnicas do RSI)

F09: (...) uma pessoa tem um convívio de proximidade (...) há abertura de diálogo, há tudo... (Terapeuta da fala)

F10: Tem-me dado muitos bons conselhos. (Técnica do RSI)

F09: (...) o que eu achar que devo dizer, abertura e tudo... (Assistente social)

F13: Quem me dá mais conselhos quase todos os dias é o meu patrão. (...) É ele tá ali e faz de mim quase como se fosse filha dele.

E08: Conhecem o meu marido, conhecem os meus filhos, conhecem a minha vida. (Assistentes sociais)

E09: Admirei muito essa pessoa, por acaso. (...) Foi das pessoas que eu mais... Admirei, no que respeita ao processo que eu tive... (Assistente social)

### **Perceção acerca da pobreza**

Durante a entrevista, especificamente na categoria 10) Pobreza, foi questionado aos sujeitos se, tendo em conta os seus rendimentos reduzidos, estes se consideravam pobres.

- 1) No que concerne às respostas afirmativas as justificações prenderam-se com:

#### **a) Preocupação em não conseguir fazer face às despesas**

Nesta subcategoria é perceptível uma preocupação constante acerca da possibilidade de não conseguir fazer face às despesas, e até mesmo, o atraso de algumas delas. Os sentimentos de incerteza e preocupação decorrentes desta instabilidade financeira aparecem assim como justificativos da perceção dos próprios como “pobres”.

## OS DISCURSOS DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS POBRES

F01: (...) a mim preocupa-me isso, não ter para pagar as coisas.

F14: (...) costume deixar faturas em atraso, porque não chega o dinheiro não é? (...) tenho medo, não é? Não quero faltar com nada aos meus filhos. Não quero... Deixar contas em atraso.

F15: (...) é o selo do carro... Já não pago para aí há três anos. Já não pago selo do carro desde que o comprei. Pago seguro pago tudo, só menos o selo.

E05: Mais a luz, depois tem gás, tem água. E água também tenho medo... Antes quero ficar sem luz do que ficar sem água.

E12: Temos de contar mesmo o dinheirinho todo e às vezes não dá! Compramos os bases...

### **b) Incapacidade em garantir a alimentação**

Nesta subcategoria a restrição alimentar aparece como justificativo da perceção dos próprios como “pobres”, com alguns alimentos a serem substituídos por outros, mais económicos, e ainda, a necessidade de ajuda externa para conseguir garantir a mesma.

F06: (...) faltar alimentos para eles... Por exemplo, já não têm aquilo que tinham não é?

E01: Deixávamos de comprar, estilo em questões alimentares, não recorria, por exemplo, em carnes, aos bifinhos de carne, de peru, ia mais à de porco. Leite, tirei marca Agros e comecei a usar marcas brancas, iogurtes igualmente (...)

E10: Por exemplo, às vezes, deixo de comprar outras coisas para mim, para o meu marido, para comprar leite, fraldas para a minha filha...

E14: A alimentação tenho os meus pais que me ajudam graças a Deus, não posso dizer isso porque não passo fome. Se não passava, não é?

### **c) Incapacidade em garantir o vestuário**

Nesta subcategoria a incapacidade em adquirir vestuário, essencialmente para os filhos, é outro dos justificativos para a perceção dos próprios como “pobres”. Estão ainda presentes as ideias de que, é necessário recorrer ao vestuário o mais barato possível, e que o dos filhos é o prioritário.

## OS DISCURSOS DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS POBRES

F01: (...) às vezes as minhas filhas precisam de roupa, precisam disto, precisam daquilo e eu não tenho para lhes dar...

F04: Umas sapatilhas tarda, para comprar não é? (...) Eu não vou mandar o (filho) todo roto para a escola, todo sujo para escola, não é? Umas sapatilhas tarda... O cabelo tarda...

E03: Agora roupa (...) Tento reduzir ou ir ao mais barato.

F11: Gostava... Por exemplo, de comprar umas coisinhas... Às vezes compro, mas... Mesmo enrascado... Umas roupinhas novinhas... Também gostava.

E10: (...) às vezes deixo de comprar roupas para mim e para o meu marido, para dar para eles. (...) Tudo que a gente pode é tudo primeiro para os filhos e depois nós somos os últimos.

E13: (...) queria ter assim mais dinheiro para dar assim, por exemplo, roupa aos meus filhos (...)

### **d) Incapacidade de fazer “extras”**

Nesta subcategoria é visível a incapacidade em fazer alguns “extras”, como comprar mobília e eletrodomésticos, realizar atividades de lazer como ir ao cinema, ir a teatro, ir visitar familiares ou fazer uma viagem mais longa, traduzindo-se noutra justificativo que leva os próprios a considerarem-se como pobres.

F07: (...) há coisas que eu gostava de comprar, por exemplo, eu preciso de comprar uma mobília de quarto, e não tenho, não é?

F11: Às vezes não vou, assim passeios longe, por causa disso (...)

F13: Estou a precisar de um frigorífico que não tenho. (...) Precisava de comprar umas cadeiras para a mesa da sala (...)

E03: Agora roupa e ir ao cinema já não se vai tantas vezes, não é? (...) Tento reduzir ou ir ao mais barato.

E07: Gostava de ir ver uma peça de Teatro! Era o meu sonho... Não dá...

E10: (...) a gente costumava ir quase sempre o fim-de-semana todo para a minha mãe e já não posso ir tantas vezes, só vou quando posso. Muitas vezes não tenho dinheiro, não posso ir...



- 2) Por outro lado, no que concerne às respostas negativas, a justificação das mesmas prendeu-se com:

**a) Desvalorização dos “extras”**

Nesta subcategoria, é visível a incapacidade em fazer alguns extras, nomeadamente, ir a um restaurante, ir ao cabeleireiro com regularidade, frequentar um ginásio, e fazer tratamentos dentários. Os dois últimos são referentes a cuidados de saúde, físicos, mentais e orais, e apesar da incapacidade em cumpri-los, não leva os sujeitos a considerarem-se como “pobres”.

F02: Não é por uma pessoa não ir ao cabeleireiro todos os dias, como há aí muitas, não é, que me vou considerar pobre não. (...) Eu gostava de arranjar a minha boca e tudo, a minha placa quando eu falo ela cai, por exemplo. Eu gostava de ir, mas...

E06: Ir comer fora, ir a um cabeleireiro (...) ir para um ginásio, não é? Essas situações que a gente se calhar... Sair mais vezes com o carro, não se sai... Assim fica-se em casa ou vai-se a pé.

E08: (...) o médico já me disse para eu ir para o ginásio por causa de fazer exercício, não é? Porque se eu estou em casa, ou parada, e se me meto em casa ainda é pior. (...) Faz-me mal à cabeça. (...) Mas eu não tenho dinheiro para isso.

**b) “Viver um dia de cada vez”**

F03: Vai dando para o dia-a-dia. (...) O que me preocupa às vezes é a renda da casa... (...) Não chega para tudo. (...) um dia que a pessoa pense que não vou ter comer para pôr na mesa, o que vai ser de mim... Tudo isso preocupa no dia-a-dia uma pessoa.

Neste discurso, é visível que, apesar da questão habitacional ser instável, uma vez que existe dificuldade no pagamento mensal da renda, e ainda, dificuldade em garantir a alimentação, o próprio não considera viver numa situação de pobreza, salientando a importância de viver “um dia de cada vez”.

E02: (...) não posso dizer que sou pobre, pobre. Sou remediado. Vou remediando o dia-a-dia. (...) chego ao dia quinze já não tenho dinheiro (...) no dia vinte e oito ou vinte e cinco eu tive de ir à minha sogra pedir dinheiro para pão... Eu chego a meio do mês abro o frigorífico não vejo lá nada. (...) não chega mesmo a cortar aquilo que temos que cortar, eu deixei de fumar, eu cortei muita coisa em minha casa. Eu levava iogurtes, eu levava queijo, eu levava marmelada, comprava um bocadinho de presunto. Agora

não faço nada disso. É arroz, é massa ponho os essenciais... (...) Eu não compro um bife agora para comer...

Neste discurso, é visível que a alimentação, que se traduz num bem essencial, parece não ser garantida, ou apenas garantida com a ajuda de outros familiares, no entanto, o sujeito não considera viver em condição de pobreza., salientando um planeamento apenas diário.

E04: Se for orientado dá. Não dá para ter uma vida... Não! Mas dá para pagar a minha renda, dá para pagar o recibo da água e com o resto dos valores que eu tenho dos abonos e assim dá para pagar as despesas que tem de ser pagas, que é a casa, água, luz e gás. Isso dá. (...) A alimentação, nós somos muito unidos. Mas já há muitos anos. Eu vivi muitos anos com os meus pais quando o meu marido esteve detido e nós gostamos muito de nos juntar. O meu pai diz muitas vezes “A panela é a mesma!”.

Mais uma vez, as dificuldades em garantir a alimentação estão presentes, existindo a necessidade de ajuda externa para fazer face às mesmas, porém, o sujeito não se considera “pobre”, salientando a importância de ser “orientado”, no cumprimento das despesas, e a importância da ajuda familiar.

### **c) Pobreza como incapacidade de garantir a alimentação e habitação**

F07: Pobre pobre não. Graças a deus, comer e beber...

E06: Não me considero pobre. Não falta comida na mesa.

F12: Olhe, se quer que lhe diga... Vou-lhe dizer sinceramente, pobres são aqueles que dormem na rua, e não têm eira nem beira. (...) tenho uma casa. Vou tendo para o dia-a-dia, para comer. Sou remediada.

Nestes discursos está presente a ideia de pobreza ligada à ausência total de alimentação e de habitação, sugerindo uma ideia de que apenas os “sem abrigo” poderão ser inseridos nesta categoria.

### **d) O estigma associado à pobreza**

E06: Eu sinto que tenho um rótulo e depois é assim: “Ah, o que é que fazes? Estás desempregada?”, “Estou.”, “Então tens subsídio de desemprego?”, e eu confirmo, digo que sim. Aquele rótulo do rendimento mínimo é constrangedor. (...)

Neste discurso, é mencionado o estigma existente na sociedade relativamente aos beneficiários do rendimento social de inserção, conhecido na literatura como “*scroungerphobia*”, parecendo existir uma tendência para a dissociação deste rótulo.

## **Discussão**

Através dos discursos foi possível observar o grande distanciamento destas famílias relativamente às redes de amizades, motivado por desilusões anteriores. O isolamento aparece assim como alternativa, resultando na ausência de uma procura por um suporte prático ou emocional, no sentido de ultrapassar as adversidades.

No que concerne às relações familiares, o conflito nos agregados foram um ponto comum entre os vários entrevistados. A distância afetiva, os limites difusos e as discórdias, surgiram como justificativos destas dinâmicas de conflito, sobretudo, nas relações parentais e fraternais.

Uma possível explicação para estas dinâmicas com as redes informais, nomeadamente, família e grupo de pares, prende-se com a organização familiar típica destas famílias, que é marcada pela fragilidade dos vínculos entre os elementos e pela falta de bases sólidas ao nível emocional (Silva, 2013).

Estas famílias falham na obtenção de uma comunicação assertiva, sendo frequentes os discursos caóticos, com mensagens impercetíveis (Abreu, 2011) e encaminhadas a alguém que não o alvo (Sousa, 2005). Também na comunicação afetiva são salientes os défices destas famílias, marcada por falta de interações entre os membros, falta de empatia, afetos negativos e críticas constantes face ao comportamento dos outros membros (Alarcão, 2006).

Sendo o suporte social um importante preditor na redução do impacto de eventos stressores (Antunes & Fontaine, 2005), e um fator de proteção perante situações de adversidade (Cohen & Brook, 1993), estes discursos vindos de famílias multiproblemáticas, refletem uma situação preocupante, na medida em que, estas populações que se encontram em situação de fragilidade social, parecem isolar-se, criando barreiras nas relações com os outros.

Considerando que o suporte social dos pais tem um forte impacto no desenvolvimento psicológico dos filhos, com repercussões no seu desempenho escolar (Chen, Liu & Li, 2000; Connell & Prinz, 2002), no seu ajustamento social, e no seu comportamento (Aunola, Stattin & Nurmi, 2000; Jones, Abbey & Cumberland, 1998), estes resultados refletem não só uma situação de isolamento para os próprios, como também uma situação que se poderá refletir no dia-a-dia dos filhos, com possíveis repercussões no seu futuro.

Estas famílias tendem a experienciar com forte intensidade emoções como o amor e o ódio, mostrando alguma dificuldade na contenção de comportamentos decorrentes das mesmas, assim como

a incapacidade de planeamento das ações, gerando com frequência comportamentos impulsivos e atritos entre os diversos membros (Sousa, 2005).

No que concerne às redes formais, os discursos dos sujeitos mostraram que as mesmas funcionam como fonte de suporte, tanto instrumental como emocional. No apoio instrumental salientam-se o auxílio na obtenção de alimentos, e de condições habitacionais dignas, ao passo que no apoio emocional, se salientam a abertura de diálogo, o fornecimento de conselhos, e o auxílio na melhoria do estado de ânimo. De salientar que, esta relação de confiança se mostrou um entrave nas relações informais, quer com as relações de amizade, quer com alguns familiares próximos.

Estes resultados vão ao encontro de Ausloos (1996), segundo o qual, estas famílias tendem a acumular um conjunto de relações institucionais que acabam por substituir as relações familiares.

Os laços criados com os profissionais parecem ser consequência de dinâmicas familiares desadequadas, onde as ligações com agentes externos se reforçam na medida em que aparecem como “escape” ao ambiente familiar caótico, e se traduzem nas poucas ou únicas relações em que o conflito e a desarmonia não ocorrem.

Estes resultados salientam a necessidade de uma intervenção psicossocial com estas famílias, no sentido de melhorar as relações familiares e grupais, para que as mesmas possam funcionar como redes de suporte efetivas. A sensibilização acerca desta temática deverá então ser feita junto das entidades competentes, no sentido de uma melhor compreensão do caráter multiproblemático inerente a estes agregados, onde não só a carência económica emerge como problemática central de necessária intervenção.

Relativamente à perceção dos entrevistados acerca da sua situação de pobreza, de entre os sujeitos que se consideraram como “pobres”, as justificações prenderam-se com a) Preocupação em não conseguir fazer face às despesas, b) Incapacidade de garantir a alimentação, c) Incapacidade de garantir o vestuário, e d) Incapacidade de fazer alguns extras.

Excetuando os conteúdos da última, todas elas fazem referência à dificuldade ou incapacidade em fazer face ao cumprimento de necessidades básicas, nomeadamente, água, luz, gás, alimentação e vestuário, o que vai ao encontro da perspetiva socioeconómica da pobreza, segundo a qual, quando os recursos económicos insuficientes põe em causa as necessidades básicas e a subsistência do indivíduo, este está perante uma situação de pobreza (Capucha, 1992).

Estes resultados são ainda convergentes com o inquérito nacional realizado entre 2004 e 2009, pela Rede Europeia Anti-Pobreza / Portugal (REAPM), em conjunto com a Amnistia Internacional – Portugal e com a SOCIUS-ISEG, onde se verificou que 69% dos inquiridos consideraram como sinais de pobreza “*não ter água, nem luz, nem casa de banho*”, e ainda, com os resultados do Eurobarómetro (2009d), onde se verificou que a definição de pobreza citada por 32% dos inquiridos foi “*as pessoas são pobres quando não podem adquirir bens básicos que necessitam para viver (alimentos, abrigo, vestuário, etc.)*”.

As produções dos sujeitos referentes à d) Incapacidade em fazer alguns extras, nomeadamente, comprar mobília, comprar eletrodomésticos, fazer viagens, ir ao cinema, ir ao teatro, vão também de encontro com os resultados do Eurobarómetro (2009d), onde uma pequena minoria considerou “pobre” qualquer indivíduo que não obtenha os recursos necessários para uma participação social plena.

Por outro lado, os sujeitos que não consideraram viver em situação de pobreza, usaram como justificativa, a) Desvalorização dos extras; b) O viver um dia de cada vez; c) Pobreza como incapacidade em garantir a alimentação e a habitação e d) Existência de pessoas em situação pior.

Mais uma vez, algumas das produções fazem referência ao cumprimento de necessidades básicas, que, estando asseguradas, levam a que os entrevistados não se considerem como “pobres”. Porém, nas produções a) e b), apesar de uma clara dificuldade no acesso a necessidades básicas, nomeadamente, a cuidados de saúde física, oral e mental, e ainda, à alimentação, não consideraram viver em situação de pobreza.

Estes resultados coincidem com os do estudo de Shildrick e MacDonald (2010) em que os sujeitos, apesar de viverem em situação de carência económica profunda, negavam encontrar-se em situação de pobreza. O mesmo autor sugere que o mesmo aconteceria devido ao senso diminuído acerca do conceito de pobreza relativa, o que se reflete também no presente estudo, com um dos sujeitos a referir “*Pobres são aqueles que dormem na rua... E não têm eira nem beira.*”.

Outra hipótese do autor prende-se com o estigma associado à pobreza, que a literatura tem vindo a definir o fenómeno como “scroungerphobia”, que também se verifica no presente estudo, numa das produções de um sujeito, “*Aquele rótulo do rendimento mínimo é constrangedor.*”.

Este estigma é conhecido na literatura pela presença de discursos que reforçam a ideia de que os beneficiários enganam o sistema, destacando a ideia de que muitos dos beneficiários possuem vidas de luxo em comparação com outras famílias empregadas (Shildrick e MacDonald, 2010).

## OS DISCURSOS DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS POBRES

Parece então haver uma tendência no sentido da dissociação deste “rótulo”, talvez como forma de proteção, uma vez que o estigma associado poderá originar comportamentos de ódio e, conseqüentemente, sentimentos de desvalorização pessoal

Esta negação da pobreza, pode funcionar como mecanismo protetor para o seio familiar, na medida em que evita o estigma a ela associada, porém, pode também funcionar como fator de manutenção, uma vez que poderá impedir a mobilização dos recursos necessários à mudança.

Em suma, os resultados do presente estudo salientam a necessidade de uma intervenção por parte das entidades competentes, assim como dos técnicos que trabalham junto destas famílias, no sentido de potenciarem uma comunicação efetiva entre os membros, assim como o treino de diversas competências sociais imprescindíveis para um desenvolvimento harmonioso das relações grupais, e ainda, explorar de que forma a autorrepresentação destas famílias acerca da pobreza poderá contribuir para a intergeracionalidade da carência económica.

Como limitações do presente estudo, consideram-se: 1) o método de amostragem por conveniência pelo qual foram selecionados os participantes, uma vez que os resultados e as conclusões não podem ser generalizados para outras populações, funcionando no entanto, como potenciador de investigações futuras e 2) a análise de conteúdo não ter sido realizada pela mesma pessoa que realizou as entrevistas, uma vez que a linguagem não-verbal, assim como a própria interação com os sujeitos, poderiam ser facilitadoras da inferência de algumas mensagens.

Em investigações futuras seria importante perceber de que forma a autorrepresentação acerca da pobreza poderá influenciar o planeamento de estratégias para alterar as situações de carência, bem como, de que forma esta autorrepresentação poderá ter um efeito protetor ou, pelo contrário, ser um obstáculo à mudança.

Seria ainda importante perceber a perceção das crianças destas famílias acerca das redes informais, nomeadamente do grupo de pares e dos familiares, no sentido de entender se percebem estas redes como fontes de suporte efetivas, ou se, contrariamente, tendem a vê-las também como pouco fiáveis, adotando atitudes de isolamento.

### Referências bibliográficas

## OS DISCURSOS DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS POBRES

- Abreu, J. S. R. (2011). Reflexões em torno do conceito famílias multiproblemáticas: a visão do contexto escolar e dos professores sobre a crescente problematização das famílias e suas implicações. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga).
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares*. Lisboa: Quarteto.
- Alarcão, M., & Sousa, L. (2007). Rede social pessoal: do conceito à avaliação. *Psicologica*, 44, 353-376.
- Alcock, Pete (2006). *Understanding Poverty*. New York: Palgrave.
- Alves, N. (2009). *Novos factos sobre a pobreza em Portugal*. Boletim da Primavera, Banco de Portugal (pp.125-154).
- Antunes, C., & Fontaine, A. M. (2005). Percepção de apoio social na adolescência: Análise factorial confirmatória da escala social support appraisals. *Paidéia*, 15(32), 355-366.
- Aunola, K., Stattin, H. & Nurmi, J. -E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence*, 23, 205-222.
- Barrera, M. (1986). Distinctions between social support concepts, measures and models. *American Journal of Community Psychology*, 14, 413-445.
- Bruto da Costa, A., Baptista, I., Perista, P. & Carrilho, P. (2008). *Um olhar sobre a Pobreza, vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gradiva
- Cancrini, L., Gregorio, F. & Nocerino, S. (1997). Las familias multiproblemáticas. In M. Coletti, & J. L. Linares (Eds.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática, la experiencia de Ciutat Vella* (pp. 45-82). Barcelona: Paidós.
- Capucha, L. (2005). *Desafios da Pobreza*. Oeiras: Celta
- Cohen, P., Cohen, J., & Brook, J. (1993). Na epidemiological study of disorders in late childhood and adolescence. *Journal Child Psychology*, 34 (6), 869-877.
- Colapinto, J. (1995). Dilution of family process in social services: implication for treatment of neglected families. *Family Process*, 34(1), 59-74.
- Connell, C. M., & Prinz, R. J. (2002). The impact of childcare and parent-child interactions on school readiness and social skills development for low-income African American children. *Journal of School Psychology*, 40(2), 177-193.
- de Abreu, S. G. (2003). Programa Rede Social: Questões de Intervenção em Rede Secundária. *Interações: Sociedade e as novas modernidades*, (5).
- Figueiras, R., Guerra, R. & Pacheco, V. (2010). Trabalho, pobreza e desigualdades: contributos para uma política de rendimentos. *Sociedade e Trabalho*, 41, 220-235.
- Figueiredo, B., Rodrigues, A., Pacheco, A., Costa, R., Cabelreira, C., & Magrinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 4(22), 643-665.

## OS DISCURSOS DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS POBRES

- Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em rede: Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guadalupe, S. (2016). *Intervenção em rede: serviço social, sistémica e redes de suporte social*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.
- Imber-Black, E. (1988). *Families and larger systems: a family therapist's guide through the labyrinth*. New York: The Guilford Press.
- Jessor, R. (1993). *Perspectives on behavioral science: The Colorado lectures*. Boulder, CO, USA: Westview Press.
- Jones, D. C., Abbey, B. B., & Cumberland, A. (1998). The development of display rule knowledge: Linkages with family expressiveness and social competence. *Child Development*, 69(4), 1209-1222.
- Linares, J. L. (1997). Modelo sistémico y familia multiproblemática. In M. Coletti & J. L. Linares (Eds.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática, la experiencia de Ciutat Vella*. Barcelona: Paidós.
- MacDonald, R. & Shildrick, T. A. (2010). The view from below: marginalised young people's biographical encounters with criminal justice agencies, *Child and Family Law Quarterly*, 22 (2), pp.186-199.
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (1998). *Working with the families of the poor*. New York: The Guilford Press.
- Nunes, João Arriscado (1995). Com Mal ou com Bem, aos Teus te Atém: As Solidariedades Primárias e os Limites da Sociedade Providência. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 42. pp.5-25.
- Paugam, S. (2003). *Desqualificação social: Ensaio sobre a nova pobreza* (C. Giorgetti, T. Lourenço, Trads.). São Paulo: Educ & Cortez. (Originalmente publicado em 1991)
- Pietrukowicz, M. C. L. C. (2001). *Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde*. (Tese de doutoramento não publicada). Fundação Oswaldo Cruz, Brasil.
- Pinto, J. M. (1999). Por um Novo Contrato Social: Contributos para uma Agenda Política. *A Europa Social* (223-243). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- REAPN (2004). *Activar a Participação: Um processo em construção*, Porto. Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal.
- Rigotto, D. M. (2006). *Evidências de validade entre suporte familiar, suporte social e autoconceito*. Universidade São Francisco, Itatiba, Brasil.
- Sameroff, A., & Seifer, R. (1993). *Models of development and developmental risk: Handbook of infant mental health*. New York, NY. USA: The Guildford Press.
- Seidl, E. M. F., Tróccoli, B. T., & Zannon, C. M. L. C. (2001). Análise fatorial de uma medida de estratégias de enfrentamento. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 17(3), 225-234.



## OS DISCURSOS DE FAMÍLIAS MULTIPROBLEMÁTICAS POBRES

- Silva, J. H. (2013). *Famílias Multidesafiadas em Contextos de Pobreza: Vulnerabilidades e Forças Familiares: reflectindo acerca da intervenção*. Lisboa: Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia.
- Sluzki, C. E. (1996). *La red social: frontera de la práctica sistémica*. Gedisa.
- Sousa, L. & Ribeiro, C. (2005). Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *Psicologia*, 19 (1-2), 169-191.
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*, Coimbra. *Editores Quarteto*.
- Sousa, L. (2005). *Famílias Multiproblemáticas*. (1.ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Sousa, L., & Rodrigues, S. (2009). Liking Formal and Informal Support in Multiproblem Low-Income Families: The Role of Family Manager. *Journal of Community Psychology*, 37 (5), 649-662.
- Sousa, L., Eusébio, C. (2005). When multi-problem poor families' myths meet larger system myths. *Journal of Social Work*, 7 (2), 217-237.
- Sousa, L., Pires, S., Matos, A., Cerqueira, M. & Figueiredo, D. (2004). Retratos da vida das famílias multiproblemáticas pobres: implicações para a intervenção. *Revista Serviço Social & Sociedade*, 80, 5-32.
- Sousa, L., Pires, S., Matos, A., Cerqueira, M. & Figueiredo, D. (2004). Retratos da vida das famílias multiproblemáticas pobres: implicações para a intervenção. *Revista Serviço Social & Sociedade*, 80, 5-32.
- Sousa, L., Ribeiro, C. & Rodrigues, S. (2007). Are practitioners incorporating a strengths-focused approach when working with multi-problem poor families? *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 17, 53-66.
- Sousa, L., Ribeiro, C. & Rodrigues, S. (2007). Are practitioners incorporating a strengths-focused approach when working with multi-problem poor families? *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 17, 53-66.